

A 16ª Flup segue até domingo celebrando Ana Maria Gonçalves

AFFONSO NUNES

O histórico Teatro Carlos Gomes, que já recebeu óperas e concertos, nesta semana é o epicentro Flup, a Festa Literária das Periferias, que entra na reta final de sua 16ª edição que segue até domingo (27), guiada pelo tema “As Filhas das Filhas”, em homenagem à escritora Ana Maria Gonçalves. O evento integra a vasta grade da primeira Semana de Arte do Rio.

A festa foi aberta na quarta pela própria Ana Maria, a primeira mulher negra eleita para a Academia Brasileira de Letras, protagonizou a mesa que dá nome à edição ao lado de Djamil Ribeiro. “De alguma forma, o livro da Ana Maria Gonçalves, homenageada deste ano na Flup, é um romance que fala muito da formação espiritual do povo brasileiro, particularmente da mulher

A arte que vem das periferias

Tânia Régio/Agência Brasil



Ana Maria Gonçalves, a primeira mulher negra eleita para a ABL

brasileira”, diz Julio Ludemir, criador e diretor do festival.

Antes de cada uma das 14 mesas do evento, yalorixás e mulheres de

axé abençoam os debates.

Na grade da reta final, destaques não faltam. Nesta sexta, o Palco Kehindé recebe a mesa “Coleção Fe-

minismos Plurais, uma kizomba do pensamento: poder, amor e fé”, com Adilson Moreira, Carla Akotirene e Sidnei Nogueira, mediação de Dja-

mila Ribeiro. No sábado, Ana Maria Gonçalves e Jurema Werneck entrevistam Kimberlé Crenshaw, criadora do conceito de interseccionalidade, e Gilberto Gil conversa com Duquesa sob mediação de Miriam Leitão, além do tributo aos 80 anos de Conceição Evaristo. O domingo encerra com Antônio Pitanga celebrando o legado de Ubirajara Fidalgo.

A Flup nasceu em 2012, criada por Julio Ludemir e Ecio Salles partindo do princípio de que as periferias não são apenas cenário das histórias brasileiras, mas lugar de pensamento e imaginação. Desde então, ocupou Mangueira, Cidade de Deus, Vidigal, a Maré e o Parque Madureira não somente com literatura, mas várias formas de expressão artística como música, teatro e dança, entre outras. Os números dão a medida da persistência: 200 mil pessoas de público, 37 livros publicados com autores de periferias e convidados de mais de 60 países.

SERVIÇO

FLUP 2026 — 16ª FESTA LITERÁRIA DAS PERIFERIAS
Até 27/9 no Teatro Carlos Gomes, Praça Tiradentes e Salão Guarani
Programação completa: www.vemprafup.com.br | Grátis

CRÍTICA LIVROS | HISTÓRIA DOS VERTEBRADOS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Em tempos de desconstrução dos papéis sociais, a dessacralização da maternidade tem sido tema de debates e ensaios que retomam a máxima do padecimento no Paraíso. Um dos raros depoimentos a buscar as contraditórias emoções vividas pelas mulheres é o da catalã Mar Garcia Puig, que, em “A história dos vertebrados” (Bazar do Tempo, R\$ 92), recorda suas impressões do nascimento dos filhos gêmeos, a eclosão da ansiedade no pós-parto, simultâneos a ganhar a eleição para uma cadeira de deputada no parlamento espanhol.

Além de sua própria experiência, Mar Puig apresenta uma detalhada pesquisa sobre a psicose puerperal, que separou mulheres de seus filhos recém-nascidos desde a Antiguidade. As formas de tratamento dos sintomas depressivos e delirantes dessas mulheres mudam ao longo do tempo e raramente se destacam fora da literatura médica. Casos graves atingem apenas a cada duas entre mil mulheres que dão à luz, e, geralmente, exigem internação hospitalar.

A própria autora, com mais de vinte anos de atividade no meio editorial, descobriu a expressão, então chamada de “loucura puerperal”, ao ler os prontuários médicos de Emma Riches, uma jovem mãe inglesa, internada, em meados do

O padecimento e o paraíso

século XIX, no hospital psiquiátrico londrino de Bethlem, a cada nascimento de um filho – teve quatro crianças.

Juntando com relatos que chegam à atualidade, Mar Puig apresenta seu calvário maníaco, alternando preocupação extremada com a saúde dos gêmeos ao júbilo de conviver com as crianças.

A esse descompasso pessoal, junta-se a crise no casamento com o pai dos bebês e os compromissos políticos, agravados pelas acusações de extremismo feminista dos homens no parlamento – mesmo ao comprovar com números o cerceamento feminino pela medicina. As mulheres são a maioria dos pacientes psicanalíticos e as maiores consumidoras de medicamentos psiquiátricos, lembra a escritora. De cada dez receitas de ansiolíticos e outros remédios para estabilização comportamental, oito são para mulheres, informa a Organização Mundial de Saúde. Muitos dos diagnósticos de transtornos mentais femi-



Divulgação

Em ‘A história dos vertebrados’, a catalã Mar Garcia Puig recorda suas impressões do nascimento dos gêmeos, a ansiedade no pós-parto, simultâneos a se eleger para o parlamento espanhol

nos estariam fundamentados pelo controle patriarcal, acredita. Essa combinação de crítica social, história, literatura e vivência pessoal deu a Mar Garcia Puig o Prêmio Cidade de Barcelona de Ensaio em 2023.

A estranheza das alterações no corpo que passa nove meses gestando pessoas e, em um dia, vê seu peso cair brutalmente, assim como a carga de hormônios em mutação rápida, são descritas pela autora ao lado das manifestações psíquicas

que nem todas as mulheres conhecem. A representação feminina da maternidade na arte, destaca ela, é quase sempre sem companhia, as madonas acalentando o filho, Maria com Jesus morto na “Pietà”. Já os homens sempre estão acompanhados de seus pares. A maternidade é angustiante, cansativa e solitária, diz Mar Puig, que, embora tivesse apoio do companheiro e de parentes, sentia-se permanentemente cansada.

Tornar-se cuidadora de outras pessoas repentinamente, ajustar horários de sono e trabalhar pela comunidade – incluindo aí a casa e a família – são funções históricas das mulheres, aponta a escritora, que aponta o cotidiano das mães em outras épocas para mostrar que, apesar da tecnologia de apoio e da evolução da compreensão biológica, o ser feminino tem obrigações que superam as dos homens. A maternagem exaustiva acaba se adequando às tantas outras tarefas das mulheres, que dificilmente rejeitam as crianças, ao contrário. A noção de dever, para Mar Garcia Puig, é demonstrada pela atitude da poeta Sylvia Plath, que, antes de dar cabo da própria vida, deixou leite e sanduíches ao lado das camas dos filhos, a fim de evitar que eles sentissem fome caso a diarista – que os encontrou ilesos – se atrasasse para o serviço.